

O FEMINISMO NA DÉCADA DE 60, POR MEIO DA REVISTA CLAUDIA.

Ana Paula Gomes Ataíde (IC)*, Liliam Oliveira. (PQ)

ana_paula004@live.com

Universidade Estadual de Goiás – UEG – Câmpus Iporá

Resumo

Esse trabalho analisou, visa ressaltar a importância dos progressos femininos da década de 60, por meio da historiografia linguística. Assim buscaremos analisar a revista Claudia, que principiou em outubro de 1961, ou seja, a revista começou a ser difundida em meio a crise que acontecia no país na época em questão. Analisamos a edição de abril de 1964, ano do golpe militar, na qual é realizada uma pesquisa intitulada: “Afinal o querem as mulheres?”. Através das análises alcançadas, procuramos expor o contexto do período em analogia as mulheres. Dessa forma consideramos a contribuição das conquistas femininas comprovadas na revista e deste modo, objetivamos divulgar o avanço feminino enfatizar na revista e o fator de sucesso que estimulou as mulheres a uma maior reflexão quanto à sua emancipação. Dessa maneira, o presente trabalho apresenta fundamentos guiados pelos autores, Konrad Köerner (1996) e Pierre Swiggers (1990), europeus, e H. Dell Hymes (1983) e Stephen Murray (1980).

Palavras-chave: Historiografia linguística; Feminismo; Revista Claudia.

Introdução

Esse projeto analisou uma pesquisa realizada pela revista Claudia na década de 60, apresentou características do ponto de vista historiográfico sobre o feminismo no Brasil da década de 60. O projeto analisou os aspectos culturais, estruturais e sociais na perspectiva feminina da época. Dessa forma o trabalho apresentou uma visão ampla sobre o pensamento da sociedade na década de 60 e como foi expresso na revista Claudia.

O enfoque da pesquisa sobre a revista feminina brasileira na década de 60 foi como a mulher começou a avançar em suas conquistas, modificando a sua imagem perante a sociedade. Identificando esses pensares por meio da pesquisa realizada na revista Claudia. Com tudo ressaltamos a importância em se analisar o contexto histórico feminino a fim de contextualizar e ressaltar as importantes conquistas das mulheres.

Dessa maneira o modelo teórico que fundamenta nossa pesquisa é o da HL que tem como principais representantes: Konrad Köerner (1996) e Pierre Swiggers (1990), europeus, e H. Dell Hymes (1983) e Stephen Murray (1980), americanos. Nessa perspectiva, este estudo se fundamenta:

nos cinco pontos fundamentais da metodologia do trabalho historiográfico: 1º ponto – princípios básicos: a) a contextualização; b) a imanência e 1 Doravante HL c) a adequação; 2º ponto – passos investigativos: a) seleção; b) ordenação; c) reconstrução e d) interpretação; 3º ponto – questões das fontes: a) primárias e b) secundárias; 4º ponto – as dimensões cognitiva e social: a) cognitiva – interna e b) social – externa; e por fim, constituindo-se o 5º ponto – os critérios de análise em que se detectam as “categorias”. (BASTOS; PALMA, 2004, p.13)

Segundo Swiggers, 1990, a historiografia se baseia na análise de fatos culturais, se refletindo também na produção humana ao longo do tempo. Assim, a partir de seus constructos foi permitido aos historiadores que assumissem o papel de analisar o processo histórico também no presente, função esta cada vez mais ocupada pela grande mídia que dita opiniões e exerce influência no campo das decisões políticas e sociais.

Material e Métodos

A mulher ao longo do tempo vem conseguindo uma série de avanços em inúmeros quesitos como: o ingresso a escolas, o direito ao voto e um espaço no Mercado de trabalho. Mas é importante lembrar que nem sempre a mulher ocupou um espaço na sociedade. Assim a revista Claudia contribuiu de forma significativa para o avanço das mulheres.

Claudia foi uma das primeiras revistas feitas para o público feminino, sendo assim buscava o desenvolvimento da sociedade feminina por meio de suas matérias. Fundada em 1961 com um design moderno e inovador para época. Para Pinsky (2014, p.42), a “revista Claudia não é tão homogênea como o Jornal das Moças, revista conhecida pelos seus ideais tradicionais; muitas vezes as ideias a respeito de um mesmo assunto variam conforme o articulista. Evidenciando o pensamento variante da época. Dentro dessa variante no ano de 1964 a revista Claudia faz uma pesquisa intitulada: “O que desejam as jovens?” no qual foram feitas perguntas para 500 moças de várias classes sociais.

Dentre as jovens; 51,6% estudavam; 22,2% estudam e trabalham; 12,6% trabalham e 13,6% ajudam em casa. A revista também constatou que: 23% das mulheres desejam trabalhar após estarem casadas e 77% das mulheres preferiram ser donas de casa. Do montante de 77%; 27,01% disseram que poderiam se trabalhar, enquanto 72,99% disseram não pensar nessa hipótese.

Com isso notamos o pensamento da época, no qual ainda era na maior parte tradicionalista, mas já havia um pensamento de busca pela emancipação da mulher. Dessa forma, a revista Claudia veio para começar a instigar as mulheres, dando um novo olhar à sociedade.

Resultados e Discussão

A revista Claudia foi a primeira que se direcionava propriamente ao público feminino de maneira empoderadora. Temos, a exemplo disto, a revista Cruzeiro que apesar de se relacionar com o público feminino, não incentivava sua independência, ainda ditava maneiras de “Como ser uma boa mulher?”, que se resumia a submissão e dedicação ao lar totalmente. Para Pinsky (2014, p.42), a “revista Claudia não é tão homogênea como o Jornal das Moças, revista conhecida pelos seus ideais tradicionais; muitas vezes as ideias a respeito de um mesmo assunto variam conforme o articulista.” Evidenciando o pensamento variante da época. Dentro dessa variante no ano de 1964 a revista Claudia faz uma pesquisa intitulada: “O que desejam as jovens?” no qual foram feitas perguntas para 500 moças de várias classes sociais.

Sendo publicada em uma época que as mulheres se encontravam em contínua luta por um espaço que deveria ser naturalmente ocupado, a revista Claudia se impregnou de assuntos que pudessem agraciar as mulheres emancipadas e as que ainda acreditavam em um lar composto por marido e filhos.

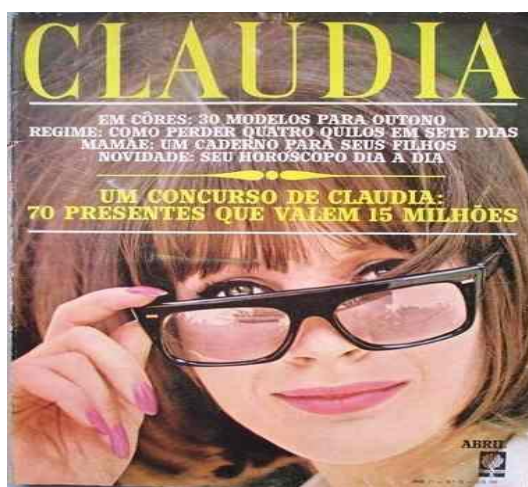


Figura 1. Capa da Revista Claudia. Abril de 1964.

As capas da revista eram ilustradas, apresentando mulheres que representavam, de certa forma, o ideal feminista de emancipação e autonomia.

A revista Claudia mostrou ser inovadora, pois na época inúmeros veículos impressos contribuíam para a ditadura, por meio de publicações com indiretas. Desde a capa a revista traz a imagem de uma mulher despojada, de cabelos Chanel e óculos secretária, a foto foca apenas seu rosto principalmente olhar, rompendo com os padrões de capas que até então eram veiculadas, com cabelos compridos e evidenciando a silhueta e curvas acentuadas. A pesquisa “Afimil o que querem as mulheres?” foi publicada dia 4 de Abril, 4 dias após o golpe militar, o que revela o fato da revista chamarem as mulheres para luta perguntando " o que elas realmente desejam?"

A revista contava com a escritora Carmem Silva, líder das colunistas feministas das revistas, mas a pesquisa citada foi liderada por um homem, revelando o lado despojado e a aceitação do grupo masculino nas reivindicações feministas, pois até então os homens não havia parado para pensar os direitos das mulheres dentro de uma revista.

Outro aspecto importante é a conscientização econômica da mulher, pois até então era papel do homem zelar do patrimônio e das finanças, algo que o Jornal das Moças buscou diferenciar, relatando em suas páginas a situação econômica.

Considerações Finais

Assim notamos a dualidade da época, para Claudia: “A mulher está ocupando posições antes exclusivas do homem. Muitas moças de hoje estão dentro desta linha de conquista e de competição. (Uma pesquisa sobre “O que desejam as jovens?”, Claudia, 04.1964).”

No entanto, observamos que muitas moças ainda tinham seus pensamentos concentrados no tradicionalismo: “A sua nova dimensão de concorrente do homem oferecerá munições à mulher para fortalecer a sua posição de dona do lar. E talvez algo mais do que isso. (“ Uma pesquisa sobre o que desejam as jovens?”, Claudia, 04.1964.

Assim a década de 60 foi caracterizada por se o começo dos avanços na vida da mulher, trazendo novos olhares perante a sociedade. Aqui identificados por meio da

pesquisa realizada pela revista *Claudia*. O contexto histórico da época foi de extrema importância para desencadeamento das demais conquistas, porém ainda se tinha a preocupação com as questões domiciliar e matrimonial.

“[...] fizeram questão que a filha estudasse. [...] E mal terminou o curso no colégio de freiras surgiu uma nova preocupação: ficar o dia inteiro em casa como muitas outras não era bom, depois os recursos de que dispunha a família eram escassos[...]. Onde arranjar um emprego que lhe conviesse? Emprego público não. Onde já se viu, menina criada na barra da saia da mãe[...]” (Claudia, 10. 1964).

Portanto, notamos um avanço a favor das mulheres, apesar de notarmos que a grande parte da população ainda preferia ter como prioridade uma família tradicional. A parcela de brasileiras que na década de 60 contribuiu para a emancipação da mulher foi de extrema importância, pois por meio destas hoje a mulher tem um maior espaço na sociedade.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES por disponibilizar a iniciação a pesquisa PIBIC.

À UEG pela conquista do Programa, pela manutenção do mesmo e também pelo acompanhamento comprometido com o desenvolvimento das ações do Pibid;

Referências

- ALTMAN, C. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo. Humanitas, 1998.
- _____. *História, estórias e historiografia da Linguística Brasileira*. Revista Todas as Letras. v.14, n.1, 2012.
- ARENDT, Hannah. *As origens do Totalitarismo – Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BASSANEZI, C. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORI, M. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARTIER, R. *História cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

DEL PRIORI, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

D'INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORI, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GRAMSCI, A. Quaderni del cárcere. In: GERRATANA, V(Org.). Ed. Crítica. 4v. Turim: Einaudi, 1975.

GRISCI, C. L. I. (1994). Mulher-mãe: a ideologia patriarcal na reprodução das relações de gênero. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

GODOY, E.V. **Historiografia Linguística: um percurso histórico linguístico**. Revista Múltiplas leituras. V.2, n.2, p.177-188. Jul/dez 2009.

FONSECA, C. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORI, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KÖERNER, E. F. K. **Practicing Linguistic Historiography: select essays**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1989.

KOERNER, E. F. K. “Questões que persistem em Historiografia Linguística.”[Trad. De Cristina Altman do orig. inglês “Persistent Issues in Linguistic Historiography.” Professing Linguistic Historiography. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. 1995] ANPOOL. Revista da Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística 2. 1996. p. 45-

PINSKY, B. **Mulheres nos anos dourados**, São Paulo: contexto, 2014.